

- VIII -**GERAÇÃO NEM NEM: TRABALHO E EDUCAÇÃO PARA
PENSAR A JUVENTUDE BRASILEIRA****Daiane Letícia Boiago**Universidade Estadual de Maringá
daianeleticia@gmail.com**Thaís Godoi de Souza**Universidade Estadual de Maringá
thaisgodoi87@gmail.com**INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como temática a discussão sobre a situação de trabalho e educação da juventude brasileira, em especial a partir dos anos 2000. O objetivo é identificar as dificuldades enfrentadas por esse grupo no que tange à atividade produtiva e sua relação com a educação. Trata-se dos resultados de um estudo exploratório que está em andamento e que aborda sobre a inclusão social e econômica da juventude no Brasil.

Explicitamos que a população jovem é um dos segmentos que mais sofrem com os impactos advindos da reestruturação produtiva, tais como a flexibilização das relações de trabalho, a terceirização e a precarização do trabalho. No campo social a juventude tem composto um cenário em que, ao mesmo tempo, são vítimas e protagonistas de violência no século XX e início do XXI, bem como a geração do “Nem Nem”⁸, que não estuda e não trabalha.

Observamos que as transformações no mundo do trabalho desencadeadas pela reestruturação produtiva impactaram diretamente na organização social do segmento jovem.

⁸ Esse conceito foi abordado na pesquisa de Novella et al (2018), realizada em âmbito regional que contou com mais de 15.000 jovens entre 15 e 24 anos em nove países (Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Haiti, México, Paraguai, Peru e Uruguai), a qual contou com apoio de diversas universidades e instituições.

As estatísticas que serão apresentadas a seguir demonstram que grande parte da juventude brasileira está fora do mercado de trabalho, bem como dos bancos da escola.

DESENVOLVIMENTO

Buscando averiguar a situação do jovem no Brasil identificamos que, nos anos 2000 este segmento representava 20,1% da população, sendo eles 34 milhões de pessoas na idade de 15 a 24 anos (IBGE, 2010). Em 2008, esse número elevou para 34,6 milhões, representando 18,3%. Em 2018, esse número se encontrava na casa dos 33 milhões de jovens (15 a 24 anos), o que representa 17% da população.

Os temas associados aos jovens na literatura relacionam-se à inserção profissional, lazer, discriminação, violência, educação, escola, drogas, família, crime, empoderamento e vulnerabilidade (SPOSITO, 2009). A violência é citada em todos os trabalhos referentes à juventude, o que a torna uma categoria central para os estudos do grupo social em questão.

A questão da violência pode ser melhor visualizada se considerarmos os dados da população prisional brasileira que é composta em sua maioria por jovens em idade economicamente ativa. O Departamento Penitenciário Nacional (2016) informa que, de um total de 726.712 mil presos no Brasil, 55% se encontram na faixa etária dos 18 aos 29 anos de idade, além de possuírem uma baixa escolaridade.

Em 2002, o Brasil ocupou a 5ª posição no cenário internacional de homicídios na população jovem, com maior taxa no sexo masculino (93%) nos espaços urbanos das grandes cidades (WAISELFISZ, 2004). Em 2014, na faixa etária de 15 a 29 anos o crescimento da letalidade violenta foi mais intenso do que no restante da população. O número de Homicídios por arma de fogo/HAF passou de 6.104, em 1980, para 42.291, em 2014: crescimento de 592,8%. Mas, na faixa jovem, este crescimento foi bem maior: salta de 3.159, em 1980, para 25.255, em 2014, crescimento de 699,5% (WAISELFISZ, 2016).

Ao realizar a busca por notícias sobre jovens brasileiros vemos que desde 2012 são publicadas diversas reportagens sobre este grupo, referindo-se à eles como a geração “Nem Nem”. As estatísticas apresentadas por Novella et al (2018) sobre a geração juvenil no Brasil indicam: 49% dos jovens exclusivamente estudam, 13% trabalham, 15% estudam e trabalham, 23% não estudam e não trabalham.

De acordo com a pesquisa, embora o termo “Nem-Nem” possa induzir à ideia de que os jovens são ociosos e improdutivos, 31% deles estavam à procura de trabalho, 64%, dedicam-se a trabalhos de cuidado doméstico e familiar, principalmente as mulheres. Ao

contrário das convenções estabelecidas, este estudo comprova que a maioria dos “Nem-Nem” não são jovens sem obrigações, eles realizam outras atividades produtivas. Apenas 3% deles não realizam nenhuma dessas tarefas nem têm uma deficiência que os impede de estudar ou trabalhar (NOVELLA ET AL, 2018).

Percebemos com base nos dados apresentados que a juventude têm sido um dos segmentos mais afetados pelas transformações sociais e principalmente econômicas que, a partir dos anos de 1990 transformaram as relações de trabalho entre os diversos segmentos sociais. Frente às novas formas de organização do trabalho, advindas da reestruturação produtiva, a população jovem está entre os grupos mais vulneráveis no século XXI.

Antunes (2018) afirma que, o processo de reestruturação produtiva do capital se intensificou no Brasil a partir da implantação do neoliberalismo na década de 1990, o que levou as empresas a adotarem novos modelos de organização do trabalho. A combinação entre melhor qualificação de força de trabalho, uso de tecnologias mais avançadas e intensificação da força de trabalho se tornou característica do capitalismo no Brasil. Essa combinação no decorrer dos anos teve como consequências a flexibilização, a terceirização, a informalidade e a precarização da vida da classe trabalhadora.

As pesquisas de Nazzari (2010), Unesco (2006) e Silveira (2006), discorrem sobre o empoderamento do jovem como forma de desenvolvimento econômico e social. Todavia, corroboramos a perspectiva de Carvalho (2009) ao explicitar que, o protagonismo juvenil está associado à potencialidade que esse grupo representa e a utiliza para “[...] resolver problemas sociais instaurados em redes e estratégias de poder por meio de práticas sociais que sustentam uma hegemonia, conforme uma lógica de governo regida pelo capital” (CARVALHO, 2009, p. 126).

Em relação ao empoderamento, juntamente com o capital social, Carvalho (2009) propala ser uma estratégia neoliberal que vem sendo utilizada nos discursos do combate à pobreza, e de reconhecer no sujeito pobre sua capacidade de lutar contra sua situação de vulnerável, responsabilizando-o pela sua própria condição social, sem passar pela função do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos por meio deste estudo que os jovens representam um dos segmentos mais afetados pelas transformações sociais e, principalmente, econômicas pós anos 2000. O empoderamento do jovem, bem como o enfoque na educação tem configurado uma das principais preocupações do bloco no poder, atribuindo-lhes um valor superestimado na

amenização das desigualdades sociais, regulação da pobreza, diminuição do analfabetismo e promoção do desenvolvimento econômico e social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARVALHO, F. X. de. **Análise da configuração de políticas públicas para a juventude a partir de 1990**: evidenciando concepções e estratégias neoliberais. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

IBGE. **Dados sobre a juventude**. IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: 12 mar. 2012.

DEPEN. Levantamento Nacional de informações penitenciárias – julho de 2016. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança pública, 2016.

NAZZARI, R. K. Visibilidade e empoderamento dos jovens na política pública brasileira. In: **SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA**, 2. Tendências e desafios contemporâneos. Curitiba: UFPR, 2010. p. 3-24. Disponível em: <<http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais/GT08/Rosana%20Katia%20Nazzari%20et%20alli.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2011.

NOVELLA, R.; REPETTO, A.; ROBINO, C.; RUCCI, G. **Millennials en América Latina y el Caribe**: ¿trabajar o estudiar?. Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2018. Disponível em: <https://publications.iadb.org/en/publication/millennials-en-america-latina-y-el-caribe-trabajar-o-estudiar> .Acesso em 24 de janeiro de 2019.

SILVEIRA, A. F. O empoderamento e a constituição de capital social entre a juventude. In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Org.). **Capital social**: teoria e prática. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 159-175.

SPOSITO, M. P. **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1996-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. v. 2.

UNESCO. **Marco estratégico para a UNESCO no Brasil**. Brasília, DF: UNESCO, 2006.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência IV**: os jovens do Brasil. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2016**: homicídios por arma de fogo no Brasil.

Brasília, DF: Flacso, 2016. Disponível em:

http://flacso.org.br/files/2016/08/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em julho de 2017.